

CIDADE DE DEUS E A TEORIA DA SUBCULTURA DELINQUENTE

*Iara de Oliveira Silva**

“*Cidade de Deus*”. Direção: Fernando Meirelles. Roteiro: Bráulio Mantovani. Baseado na obra *Cidade de Deus* de Paulo Lins. Brasil, 2002.

O filme “*Cidade de Deus*”, dirigido por Fernando Meirelles, nos traz grandes apontamentos para refletirmos sobre a Criminologia e sua Teoria da Subcultura Delinquente desenvolvida pelo sociólogo norte-americano Albert K. Cohen e que tem como princípio ser uma imagem contrária a imagem tradicional da ordem social imposta pelo Estado.

Essa teoria vai dizer que a sociedade tem diversos grupos e subgrupos que possuem seus próprios valores e organizações e que nem sempre esses valores e organizações vão estar alinhados com os da ordem social vigente, mas eles se fazem valer dentro de suas áreas de domínio. O delito e a delinquência seriam então, produtos dessa subcultura oriunda desses grupos e subgrupos. A conduta delitiva não vai ser fruto da falta de valores ou de alguma desorganização do meio ao qual o indivíduo está inserido, mas sim, de um reflexo e expressão desses diferentes valores e organizações ao qual esses grupos e subgrupos defendem.

Podemos traçar um paralelo entre o filme e essa teoria quando observamos o desenvolvimento do grupo de crime organizado dentro da favela e como ele acaba virando uma espécie de órgão superior de organização e “proteção” dos habitantes da *Cidade de Deus*, ditando as regras de valores e convivência entre todos. Dadinho, um dos personagens ao qual acompanhamos, é um exemplo claro de como essa subcultura delinquente funciona, desde criança ele foi diretamente influenciado pela cultura de violência propagada pelo chamado “trio ternura” que eram os responsáveis pelos crimes cometidos dentro da *Cidade de Deus* e acabaram como mentores de Dadinho no mundo do crime.

*Acadêmica do 3º período do Curso de Direito da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).
Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5367614399301357>.
Email: iaraoliver280@gmail.com.



Dadinho, que depois de mais velho virou Zé Pequeno, elevou o nível de violência experimentada na infância e quando ficou adulto passou a ser um dos assaltantes mais procurados da cidade e o bandido mais respeitado dentro da favela. Com esse respeito adquirido, Zé Pequeno atraiu mais jovens, aumentou seu domínio na Cidade de Deus quando começa a traficar e passa a ser o chefe do novo subgrupo que vai criar o novo código de valores e ordem para o restante dos habitantes.

Esse subgrupo criado por Zé Pequeno é muito maior do que aquele ao qual ele foi exposto na infância, e também muito mais influente na vida das crianças e jovens da favela que, influenciados por essa cultura de violência e poder acabam vendo o seu bando como garantia de dinheiro fácil, proteção e respeito dentro da comunidade. Apesar da aparente tranquilidade dentro da comunidade, fica nítida a violência explícita e escrachada por parte principalmente das crianças que, aprendem desde cedo a normalizar a brutalidade do mundo do crime e a replicar isso entre si e contra os comerciantes da Cidade de Deus.

Assim como no filme, infelizmente observamos crianças e jovens em contextos de vulnerabilidade se associarem ao crime organizado como forma de ascensão financeira e social dentro das áreas onde habitam. Mesmo que estejam cometendo atos ilícitos, esses indivíduos atribuem alguns valores e tipos de organização para que se mantenha a ordem e que eles não sejam capturados pelos órgãos justiça do Estado. O que é ignorado por essas pessoas que estão dentro dessa subcultura é o alto preço que é pago por elas, o aprisionamento em presídios em péssimas condições de funcionamento ou o pior, a morte em decorrência da disputa por soberania na sua área de domínio.

“Cidade de Deus” é uma representação perfeita da Subcultura Delinvente brasileira e mesmo que lançado a vinte e um anos atrás segue sendo um retrato atual e triste da atuação dessa subcultura nos nossos jovens que findam por perder suas vidas ou sua liberdade em nome do dinheiro e status que essa subcultura usa como estandarte. Mesmo com a atuação da polícia e da justiça, essa subcultura e os grupos que a ela estão inseridos acabam se reestruturando e se aperfeiçoando para continuar a sua atuação e domínio sem que sejam atingidos por nenhuma sanção do Estado, perdurando o ciclo sem fim da delinquência.

REFERÊNCIAS

CALHAU, Lélío Braga. *Resumo de Criminologia*. 4a ed. Niterói: Impetus, 2009.



v.7, n.2

